

## História de vida 1

José Cosme, 70 anos, aluno da UTIL

Dizem que todas as histórias começam com “Era uma vez...” e que, se a história for um conto alegre, acaba com “... e foram felizes para sempre!”. Porém, esta história que vos quero contar parece não ter um início e um fim, porque é a “História de uma vida”, com momentos que se repetem indefinidamente.

Por isso, esta será **“Uma História sem fim”**.

Por brincadeira, uns chamavam-lhe talassomaníaco, outros ficavam-se pelo mais prosaico ginecomaniaco...

Ficava horas infindas sentado em frente ao mar, fingindo ler algum livro que sempre levava consigo, na pouca sombra disponível.

Fingia.

Porque o que ele mais desejava era estar, estar simplesmente, olhar, apreciar os belos corpos quase nus, misturados com a areia, em simbiose perfeita com o mar.

Eram estes os momentos perfeitos que lhe permitiriam criar, mais tarde, as histórias que gostava de escrever.

Nesses instantes de puro prazer, quase de exaltação máxima, toda a história se lhe repetia no espírito inquieto.

A sucessão de imagens, como num filme mudo, recriava-lhe, um a um, todos os mágicos momentos dela:

a meticulosa preparação de todos os pequeninos nadas que lhe tornavam a vida feliz;

a criteriosa escolha da literatura que lhe ocuparia os raros minutos livres;

a parafernália de joias, falsas e verdadeiras, adequadas a cada momento do dia ou da noite;

o extremo cuidado na arrumação da indumentária que usaria na praia, com especial ênfase no efeito que causaria ao vesti-la ou despi-la;

ela, ali, confundindo-se com a areia, desejando sentir-lhe nos ombros os pés nus...

Era, ao tempo, um espírito insubmisso, mas, simultaneamente, de uma sensibilidade que só os muito íntimos vislumbravam. Talvez fosse esta a fonte da sua extremada paixão pelo mar. Ela era, seguramente, a origem do epíteto de ginecomaniaco que os mais superficiais conhecidos lhe davam. Naquele ano, decidiram-se por uma breve visita ao encanto paradisíaco da cosmopolita Portobello, seguida de uns fabulosos dias de mar azul, divididos entre Capri e a belíssima costa amalfitana.

Há muito tempo que o seu espírito inquieto lhe não proporcionava uma tão intensa paixão e, ao mesmo tempo, uma tão profunda mágoa que, por antecipação, lhe trazia o fim de Agosto e o início do Outono.

“Es siempre mejor el camino que la posada”...

Que diabo! Sempre este a recordar-lhe a sua eterna errância!  
Porém, o mais curioso foi que, enquanto ela chorava angustiada pelo fim do Verão, aquele Agosto acabou por fazer dele um poeta!

O Amor  
está no pormenor...  
Já não há amoras nos silvedos.  
Do ninho que na Primavera soube  
restam palhas.  
Das árvores de fruto  
as secas folhas  
esperam do Outono  
o vento agreste.  
Regressam à cidade, e como eu,  
retornam ao bulício  
os corpos que o sol escureceu.  
A pouco e pouco se vão os dias  
de calma, de fascínio, de alegria.  
O mar, o sol e a fantasia  
dão lugar à doce melancolia...  
Ele recitava, ela chorava!  
Por fim, serenaram ambos. Agosto, o mês mais belo, chegara ao fim. O  
quotidiano de obrigações, de desânimos e de alguma angústia retomara o  
seu ciclo.  
Era o Outono...  
A pouco e pouco chega a tristeza.  
Secam as folhas nas árvores.  
Lentamente, as sombras.  
Já não há cor. Apenas luz.  
Uma lágrima nos teus olhos  
como uma gota de ternura.  
A dúvida na tua alma  
enche-me os lábios de amargura.

- É sempre assim! Tão rapidamente terminam todos os momentos felizes!  
Até para o ano, no sítio do costume!  
- É bom sonhar meio ano, para reviver o sonho durante o tempo restante!

Serra do Calvo, Junho de 2022